

EDITORIAL

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos tem o prazer de apresentar-lhe o número 63 da *Revista Philologus*, com treze artigos e duas resenhas, dos seguintes vinte e três autores: Alessandra Mustafa da Silva (p. 42-53), Alexandre Melo de Sousa (p. 42-53 e), Andréia Firmo Chaves (p. 54-66), Clemilton Pereira dos Santos (p. 54-65), Clézio Roberto Gonçalves (p. 33-41), Cynthia Vilaça (p. 110-129), Elimara Lima dos Santos (p. 155-165), Evelyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa (p. 66-76), Hadhianne Peres de Lima (p. 42-53), Jordano D. Tavares de Carvalho (p. 66-77), José Pereira da Silva (p. 6-8, 164-170 e 171-174), Klaus Zimmermann (p. 164-170), Lidiany Soares Guimarães Onofre (p. 94-100), Lucas Vargas Machado da Costa (p. 9-21), Luís Ricardo Rodrigues Pires (p. 33-41), Magno Pinheiro de Almeida (p. 101-109), Paulo Mosânio Teixeira Duarte (p. 77-93), Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (p. 130-138), Ruberval Franco Maciel (p. 94-100), Sizenana Maria da Silva (p. 101-109), Thiago Soares de Oliveira (p. 22-32), Thomas Daniel Finbow (p. 139-154) e Vivian Gonçalves Louro Vargas (p. 9-21).

No primeiro artigo, Lucas e Vivian propõem fazer compreender a importância do bilinguismo para o desenvolvimento cognitivo dos surdos, enfatizando que eles devem ter como primeira língua a língua de sinais, que, no Brasil, é a língua brasileira de sinais (libras), e abordam a história da educação dos surdos, discutindo as abordagens educacionais utilizadas com eles.

Considerando, no segundo artigo, o desaparecimento do gênero neutro no latim vulgar, que deixa apenas alguns traços no português moderno, Thiago reflete sobre essa extinção ainda no latim, pontuando algumas questões relativas a divergências causadas sobre essa categoria nominal no latim e no português.

Já, no terceiro artigo, Clézio e Luís discutem a variação no uso da preposição “em” na fala de moradores do município de Ouro Preto (MG), a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, observando-se que o fenômeno não é exclusivo dessa região de Minas Gerais, ocorrendo também em outros lugares do Brasil, dentro e fora de Minas.

No quarto artigo, Hadhianne, Alexandre e Alessandra analisam, a partir da produção textual de alunos, a utilização do sujeito como elemento

de coesão, no gênero reportagem, enfatizando a relevância da utilização conjunta da produção textual dos alunos para o trabalho de análise linguística.

O quinto artigo estabelece relações entre o latim vulgar e o português coloquial utilizado por indivíduos idosos do município de Jardim (MS). Com isto, Andréia e Clemilton demonstram que o latim vulgar está vivo na fala de jardineses idosos, podendo-se verificar que ocorrem diversas semelhanças que ligam o português coloquial deles ao latim vulgar.

Cientes de que as línguas românicas resultam da evolução do latim, Jordano e Evellyne analisam o participípio, uma forma verbo-nominal comum nas línguas românicas, para contribuir com o conhecimento da evolução do francês e do português. Com isto, observam semelhanças nas formas eruditas em ambas as línguas, e contrastes importantes, como tendência à sonorização, no português, e neutralização e redução, no francês.

No sétimo artigo, Paulo defende o emprego do morfema cumulativo para tipificar a parassíntese, estudado em dois grupos: o de formas livres e dependentes e o das formas que não são nem livres nem dependentes, mostrando que o latim clássico também exibiu a circunfixação e demonstrando a proximidade entre latim vulgar e latim clássico.

Lidiany e Ruberval abordam a formação docente para o ensino de língua inglesa aos profissionais do turismo, no oitavo capítulo, discutindo o que o Ministério do Turismo aponta como diretriz para qualificar o atendimento turístico.

A seguir, Sizenana e Magno apresentam as implicações do bilinguismo na educação dos surdos e apontam os conceitos das filosofias oralista e de comunicação total como antecessoras do bilinguismo, contribuindo para o alargamento dos debates sobre a comunidade surda, na tentativa de motivar os acadêmicos brasileiros de letras para a formação de intérpretes de libras, profissão oficialmente descrita no Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho.

Cynthia, no décimo artigo, discute o princípio neogramático da regularidade das mudanças sonoras, expondo seus pressupostos, as principais críticas que lhe foram aplicadas ao longo do século XX e duas propostas de solução para da chamada “controvérsia neogramática”, e debatendo-os a partir dos dados de uma pesquisa sobre sonorização de consoantes no italiano do século XV.

No décimo primeiro artigo, Rita analisa os nomes dos principais

personagens envolvidos no enredo do romance *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado: Ester, Virgílio, Horácio, Sinhô Badaró, Juca Badaró e Don'Ana, à luz da onomástica, demonstrando que o estudo da onomástica contribui sobremaneira para o conhecimento do passado e do presente, levando o pesquisador a conhecer também a memória coletiva.

No penúltimo artigo, Thomas propõe que conhecimentos desenvolvidos na psicolinguística e na psicologia experimental podem contribuir para esclarecer dúvidas de natureza filológica e sociofilológica sobre as relações entre língua, linguagem, usos técnicos e costumes metalinguísticos que caracterizavam a Baixa Idade Média, defendendo que a psicolinguística e a psicologia experimental da leitura trazem uma nova perspectiva para a análise filológica.

No último artigo, Elimaras e Alexandre estudam a toponímia dos rios e igarapés do município de Xapuri (AC), a partir dos mapas do IBGE, com o objetivo de contribuir com o projeto maior intitulado Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira – ATAOb, em desenvolvimento na Universidade Federal do Acre.

Por fim, José apresenta duas resenhas, sendo que a primeira é uma tradução da resenha de Klaus Zimmermann sobre o atlas linguístico da região em que se fala o guarani, em território brasileiro, argentino e paraguaio, e a segunda, de um livro recentemente lançado por Dante Lucchesi sobre a polarização sociolinguística no Brasil.

Concluindo, o Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos pede que nos apresente sua opinião crítica sobre esta edição da *Revista Philologus*, para que possamos produzir um periódico cada vez melhor, visando a interação entre os profissionais de linguística e letras e, especialmente, entre os que trabalham com a filologia.

Rio de Janeiro, dezembro de 2015.

